

PALAVRA DA EDITORIA

Em meio às tantas dificuldades de 2020, muitas iniciativas científicas foram dedicadas a celebrar os 250 anos do nascimento de G. F. W. Hegel. Tal poderia ter levado *Estudos Kantianos* a dedicar o segundo fascículo de seu oitavo volume à complexa, rica e sempre atual relação entre Kant e Hegel. Não obstante isso, pareceu-nos fosse o caso de destacar um outro aniversário, e com o mesmo intervalo de tempo, aniversário que sob muitos aspectos é subestimado, assim como é com frequência marginalizado o texto publicado por Kant em 1770, e por meio do qual, no mesmo ano em que Hegel nascia em Stuttgart, ele obteve a cátedra de Lógica e Metafísica na Universidade Albertina de Königsberg. Trata-se da Dissertação Inaugural *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis*, habitualmente citada só como Dissertação ou Dissertação de 1770. Com esse propósito, reunimos sete contributos em cinco línguas, escritos por investigadores de três diferentes países, que discutiram alguns aspectos desse texto, tanto mais problemáticos, quanto colocados ao longo de um período decisivo para a maturação do criticismo; ou seja: o início da chamada “década silenciosa”, que culminaria com a publicação da primeira edição da *Crítica da razão pura*, em 1781.

Será interessante notar que, como até certo ponto inevitável, alguns desses contributos propuseram questões que em muitos sentidos são análogas entre si, embora a partir de perspectivas e com resultados algo diversos, num testemunho de como as tensões em muitos aspectos irresolvidas desse complexo texto continuam a solicitar diferentes gerações de estudiosos. Considere-se, por exemplo, um problema específico como o estatuto epistemológico da sensibilidade e do conhecimento sensível, examinado por I. Agostini e S. Straulino, ou questões de alcance mais amplo, como a tensão entre matéria e forma do conhecimento, tratada por E. Tredanaro, que alude ao plano geral da Dissertação, e, pois,

também a questões de ordem metodológica sobre as quais, por seu turno, atém-se G. Goria.

À relação dessas questões metodológicas com temas tratados de forma unívoca em um contexto crítico, e que no texto de 1770 aparecem ainda em fase de elaboração—como a possibilidade ou não de uma intuição intelectual e sua vinculação com o uso real do intelecto—, é dedicado o contributo de R. Pfeiffer. Por fim, os trabalhos de P. Treves e G. Lorini retomam alguns dos temas já acima mencionados, procurando incluir em suas análises a avaliação de contribuições provenientes de algumas fontes mais ou menos diretas [tais como a escola wolffiana e o pensamento grego], contribuições que, mesmo negativas, possam ter sido feitas a essas complexas elaborações teóricas.

Além dessa seção monográfica, publicamos também neste número uma contribuição de J. Lemos, que explora uma relação original entre as ciências históricas e a produção da obra de arte na filosofia kantiana, uma nova tradução para o português, de S. Araujo, do famoso opúsculo kantiano de 1784 sobre a *Aufklärung*, e uma recente coletânea de ensaios em português, na qual a filosofia kantiana é colocada em diálogo com alguns debates contemporâneos numa ampla variedade de âmbitos, tais como a ética e a estética, bem como a epistemologia, a filosofia social, a política, e mesmo a filosofia da mente e da percepção.

Como sempre, votos de uma boa leitura.